

## PANORAMAS REMIXADOS



“Uma foto é um fragmento - um relance. Acumulamos relances, fragmentos. Todos nós estocamos mentalmente centenas de imagens fotográficas, que podem ser lembradas de modo instantâneo. Todas as fotos aspiram à condição de ser memoráveis - ou seja, inesquecíveis.”<sup>1</sup>

Susan Sontag destaca, em análise precisa, alguns dos eixos principais da fotografia contemporânea: o fragmento, a memória, a busca da identidade. O artista paulistano Marcelo Tinoco não deixa de se pautar por tais vetores, bastante visíveis nas séries *Timeless* e *Histórias Naturais*, que apresenta no CCSP (Centro Cultural São Paulo).

Solapando a tradição documental, fotojornalística e bressoniana, ainda exageradamente exitosa no circuito brasileiro, Tinoco embaralha noções, que poderiam ser estanques, de captação, catalogação e exibição de imagens. Sua produção faz coexistir procedimentos da pintura, da colagem e do fotográfico (este entendido como algo que extrapola a fotografia emoldurada numa parede e que se situa num campo expandido da linguagem).

Relembrando o argumento de Sontag, é essencial o fragmento na poética de Tinoco. As fotografias de grandes dimensões - a maioria com tamanho médio de 1 m x 1,50 m - são espécies de panoramas que amalgamam uma miríade de elementos visuais. Cada construção fotográfica exposta ao observador possui centenas de operações do tipo *copy/paste* e outras tão típicas dos programas de pós-produção. Tem a ver com o conceito de “realidade mista” trazido por Serge Tisseron: “A fotografia propõe uma realidade mista desde sua origem, porque nela realidade e ficção estão de tal modo imbricadas que é impossível separá-las”.<sup>2</sup>

Esse dado ficcional, ligado à criação de uma narrativa autoral ancorada em registros de sedutora plasticidade, seria conceitualmente manco caso Tinoco se respaldasse apenas nas práticas e técnicas que ferramentas como o *Photoshop* lhe dá. Contudo, o artista joga com ideias como natureza e artifício, construção e pós-produção, por exemplo, e realiza experimentos - “pinceladas”, como gosta de frisar - artesanais e desenvolvidos de forma “amadora” por ele mesmo, a fim de evidenciar verdejantes gramados e céus azulados.

Tal metodologia é muito visível numa obra como *Domingo* (2011), na qual um regato holandês, bem plácido, e suas margens, como casas de regulares geometria e colorido nas cercanias, são tomados por dezenas de bichos a conviver harmonicamente com visitantes de variadas classes sociais e “tribos”. O firmamento, com nuvens cuidadosamente distribuídas, remete a Ruysdael



(1602-1670). Já Constable (1776-1837) e Rousseau (1844-1910) são fortes chaves na composição “terrena” do trabalho. Assim, Tinoco confere ao fotográfico o status do pictórico, por meio de um *bric a brac* tecnológico com fundamento na colagem.

Cabe ressaltar que nomes potentes da fotografia contemporânea também se valem de estratégias parecidas em suas produções. Neste sentido, a obra da alemã Loretta Lux tem muito a traçar elos com a de Tinoco. “Vejo-me como pintora que usa a câmera como ferramenta. [...] Se eu tivesse acesso apenas a filme fotográfico, não teria começado a trabalhar com fotografia. [...] Gosto de ter mais controle sobre a imagem, em lugar de depender daquilo que esteja em frente da câmera num momento específico”<sup>3</sup>, afirma ela.

De modo concomitante à lida com o fragmento e com a história da arte, memória e identidade se entrecruzam por meio da presença dos personagens que preenchem a objetiva (e a tela do computador) de Tinoco. A calma aparente dos esportistas de *High Line 1* (2011), em Nova York, e dos turistas clicando obsessivamente em *Fotografando Praga* (2011), por exemplo, não é tão estridente quanto os protagonistas de *To Canaletto* (2012), *Castelo São Jorge, Pentecostes* (2012) e *Soldados de Chumbo* (2012). Nessas peças, tais figuras são retratadas em diferentes paisagens, em Veneza, Portugal e República Tcheca. O apego ao passado, em declarada atitude nostálgica - via vestuários “de época”, reencenações de festividades religiosas e protocolos oficiais-militares que perduram -, gera, ao passar uma inicial perspectiva de ‘originalidade’ nos dias que correm, um mal-estar que mais se aproxima da melancolia do que de celebradas identidade e memória a defender. A não resolução de conflitos do hoje e uma incompletude que não se esvai se impõem. Não há pacificação dos espíritos na obra de Marcelo Tinoco. “[...] De uma coisa podemos ter certeza a respeito desse modo caracteristicamente moderno de experimentar qualquer coisa: a visão e a acumulação de fragmentos de visão nunca podem ser completadas. Não existe uma foto final.”<sup>4</sup>

## **Mario Gioia**

Graduado pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), foi o curador de *Ela Caminha em Direção à Fronteira*, de Ana Mazzei, primeira individual da série de exposições *Zip'Up* em 2012, o segundo ano do projeto na Zipper Galeria (nesse ano, também já houve *Lugar do Outro*, de Julia Kater, *Transmission*, de Geraldo Marcolini, *Íntima Ação*, de Carolina Paz, *Planisfério*, de Marina Camargo, *Requadros*, de Mariana Tassinari, e a coletiva *Imagem Mi(g)rante*). Em 2012, também fez as curadorias de *Miragem*, de Romy Pocztauruk, e *Distante Presente*, de Gordana Manic (galeria Ímpar). Em 2011, inaugurou o projeto *Zip'Up* com a



coletiva *Presenças*, destinado a novos artistas (que teve como outras mostras *Já Vou*, de Alessandra Duarte, *Aéreos*, de Fabio Flaks, *Perto Longe*, de Aline van Langendonck, *Paragem*, de Laura Gorski, *Hotel Tropical*, de João Castilho, e a coletiva *Território de Caça*, com a mesma curadoria). Em 2010, fez *Incompletudes* (galeria Virgilio), *Mediações* (galeria Motor) e *Espacialidades* (galeria Central), além de ter realizado acompanhamento crítico de *Ateliê Fidalga no Paço das Artes*. Em 2009, fez as curadorias de *Obra Menor* (Ateliê 397) e *Lugar Sim e Não* (galeria Eduardo Fernandes). Foi repórter e redator de artes e arquitetura no caderno *Ilustrada*, no jornal *Folha de S.Paulo*, de 2005 a 2009, e atualmente colabora para diversos veículos, como a revista *Bravo* e o portal *UOL*, além da revista espanhola *Dardo* e da italiana *Interni*. É coautor de *Roberto Mícoli* (Bei Editora) e faz parte do grupo de críticos do Paço das Artes, instituição na qual fez o acompanhamento crítico de *Black Market* (2012), de Paulo Almeida, e *A Riscar* (2011), de Daniela Seixas. É crítico convidado do Programa de Fotografia 2012/2013 do CCSP (Centro Cultural São Paulo).

1. SONTAG, Susan. *Ao Mesmo Tempo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 139
2. CHIODETTO, Eder e MONTEROSSO, Jean-Luc (org.). *A Invenção de um Mundo*. São Paulo, Itaú Cultural, 2009, p. 138
3. Entrevista dada ao autor, cujos trechos encontram-se em GIOIA, Mario. *Paraíso Proibido*. *Folha de S.Paulo*, caderno *Ilustrada*, 3.set.2009, p. E1
4. SONTAG, Susan. *Idem*, p. 140